

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM SAÚDE
(CEFES)

THAÍS LORRAYNE DA PAIXÃO VIEIRA

**APOIO FAMILIAR EM PSICOTERAPIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE
UMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE BELO HORIZONTE**

BELO HORIZONTE

2019

THAÍS LORRAYNE DA PAIXÃO VIEIRA

**APOIO FAMILIAR EM PSICOTERAPIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE
UMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE BELO HORIZONTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores em Saúde - CEFES, da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof.^a. Salete Maria de Fátima Silqueira Müller.

Coorientador: Prof. Vinicius dos Reis Silva.

BELO HORIZONTE

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFMG

VIEIRA, THAÍS LORRAYNE DA PAIXÃO

APOIO FAMILIAR EM PSICOTERAPIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE UMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE BELO HORIZONTE. [manuscrito] /THAÍS LORRAYNE DA PAIXÃO - 2019.

34 p.

Orientador: Salete Maria de Fátima Silqueira Müller.

Co-orientador: Vinicius dos Reis Silva.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Formação de Educadores em Saúde - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem, para obtenção do título de Especialista em Formação de Educadores em Saúde.

1. Psicoterapia de crianças e adolescentes. 2. Participação dos pais. 3. Aliança colaborativa entre os pais e psicólogo. I. Müller, Salete Maria de Fátima Silqueira. II. Silva, Vinicius dos Reis. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Enfermagem. IV. Título.

Thaís Lorryne da Paixão Vieira

**APOIO FAMILIAR EM PSICOTERAPIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE
UMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE BELO HORIZONTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Formação de Educadores em Saúde - CEFES, da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

BANCA EXAMINADORA:



Prof^a. Dr^a. Salete Maria de Fátima Silqueira Müller (Orientadora)



Prof. Dr. Roosevelt da Silva Bastos

Data de aprovação: **14/12/2019**

Dedico este trabalho aos meus familiares pelo apoio de sempre e ao meu marido Neilor Victor Vieira por ser um grande colaborador e incentivador.

AGRADECIMENTOS

Aos professores que conduziram os estudos e por todos os ensinamentos.

Aos colegas de turma que se tornaram apoio.

Ao meu tio Wanderson da Paixão pela disponibilidade da leitura e sugestões.

A Carolina Neves de Oliveira por me permitir acesso a organização e colaboração.

Aos orientadores pelas orientações e direções para a construção deste trabalho.

“Não cederás no que tange ao teu desejo”.

(Jacques Lacan)

RESUMO

Este estudo busca desenvolver uma ação educativa de integração da família, isto é, pais e/ou responsáveis para colaborarem com o tratamento psicoterapêutico de seus filhos - crianças e/ou adolescentes em uma (OSC) Organização da Sociedade Civil de Belo Horizonte. O desenvolvimento deste projeto de intervenção deu-se a partir da experiência vivenciada nesta organização como psicóloga voluntária, e a partir daí, pelos desafios colocados para possíveis evoluções dos casos atendidos. O lugar dos pais e/ou responsáveis tem um sentido importante na psicoterapia dos filhos. Assim sendo, este projeto de intervenção se justifica por tratar-se de um público vulnerável, que atravessa riscos e vulnerabilidades sociais e psíquicas devido ao contexto social em que se encontram, e ainda assim, demonstram movimentos direcionados ao desejo pelo tratamento psicoterapêutico. O objetivo geral deste projeto de intervenção é promover a integração da família ao processo psicoterapêutico de suas crianças ou adolescentes. Os objetivos específicos são: criar um contexto de diálogo sobre psicoterapia, potencializando a participação por meio de rodas de conversa; possibilitar a reflexão sobre a importância do apoio ao educando/paciente neste processo psicoterapêutico, e por fim, apresentar a importância do vínculo ou parceria entre psicólogo e família, sempre relacionando o contexto de vida dos participantes. A metodologia utilizada será participativa e a técnica de rodas de conversa. Assim, por meio dessa ação educativa, espera-se que os pais e/ou responsáveis como participantes, se sensibilizem em relação ao seu lugar na psicoterapia dos filhos para que possam traçar alianças colaborativas com o psicólogo.

Palavras-chave: Psicoterapia de crianças e adolescentes; Participação dos pais; Aliança colaborativa entre os pais e psicólogo.

Lista de Abreviaturas e Siglas

(CEFES) - Curso de Especialização em Formação de Educadores em Saúde

(CJDB) - Centro Juvenil Dom Bosco

(ISJB) - Inspetoria São João Bosco

(OSC) - Organização da Sociedade Civil

(UAB/SEED) - Sistema Universidade Aberta do Brasil / Secretaria de Estado da Educação a Distância

Lista de Quadros

Quadro 1: Cronograma de ação educativa para os pais e/ou responsáveis.	25
Quadro 2: Demonstrativo de gastos previstos para desenvolvimento do projeto de intervenção.	26
Quadro 3: Cronograma de atividades propostas para desenvolver o projeto de intervenção - período: janeiro de 2020 a junho de 2020.	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. <i>Problematização da Situação</i>	13
1.2. <i>Apresentação da Instituição onde será executado o Projeto</i>	13
2. JUSTIFICATIVA	16
3. OBJETIVOS	18
3.1. <i>Geral</i>	18
3.2. <i>Específicos</i>	18
4. PÚBLICO ALVO	19
5. METAS	20
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
6.1. <i>Educação em Saúde</i>	21
6.2. <i>A Psicoterapia Infantil e a Importância da Família</i>	21
6.3. <i>O que se espera da família?</i>	23
7. METODOLOGIA	24
8. ORÇAMENTO	26
9. RECURSOS HUMANOS	27
10. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA PROPOSTA	28
11. CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES	29
12. RESULTADOS ESPERADOS	30
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE	33
Apêndice A- Folha de Trabalho	33

1. INTRODUÇÃO

O eixo norteador deste estudo é expor a importância da colaboração da família no processo de psicoterapia dos filhos que apresentam demandas psicológicas. O apoio familiar é importante para permitir a aceitação e envolvimento das crianças e adolescentes no tratamento psicológico, assim sendo, oferecer condições para compreender a demanda, que de acordo com Barbosa *et al.* (2012), não chega pronta a clínica, é construída durante as sessões.

A colaboração da família, quando se trata de psicoterapia infanto-juvenil faz-se necessária para que o profissional possa escutar, acolher as queixas que chegam à clínica e considerar as narrativas tanto do paciente quanto da família como parte do processo que permite sustentação do tratamento. É fundamental observar como se dá a dinâmica familiar, o significado desta família antes de entender as causas dos sintomas, os comportamentos ou os problemas apresentados pelos filhos (BARBOSA *et al.*, 2012).

Conforme experiências de trabalho, é observado que no processo de psicoterapia de crianças e adolescentes é esperado que este provoque mudanças de comportamentos dos pacientes, podendo assim, a princípio, ser positivas ou negativas. No primeiro contato com o paciente são estabelecidas algumas articulações para que ele se sinta seguro e acolhido. Menciona-se o sigilo ou segredo das informações que ali circulam. Estas questões, quando não apresentadas aos pais e/ou responsáveis, tornam-se confusas podendo dificultar o andamento da psicoterapia causando a falta de um apoio familiar. Assim sendo, em psicoterapia de crianças e adolescentes, ainda de acordo com Barbosa *et al.* (2012), é comum a família apresentar os filhos como “problemáticos” sem no entanto, envolver-se por achar que a terapia seja realizada somente com eles.

Dessa forma, é preciso realizar entrevistas clínicas com os pais e/ou responsáveis para apresentar a proposta de psicoterapia dos filhos, assim como os objetivos e o que se trabalha na clínica sem transpor o sigilo ou o segredo estabelecido com o paciente. É preciso também que a partir da parceria a família tenha orientações de como proceder durante o processo de psicoterapia dos filhos, que tenha suporte, amparo e que se sinta acolhida para lidar com os desafios estabelecidos, dúvidas, angústias e questionamentos.

1.1 Problematização da Situação

Conforme descrito acima, é importante a parceria entre a família e psicólogo, para que assim, o apoio familiar ao paciente que esteja em processo de psicoterapia seja possível. Ao iniciar os atendimentos psicológicos os pais e/ou responsáveis devem ser convidados às entrevistas clínicas para esclarecerem ou apresentarem suas perspectivas em relação as queixas, demandas, sintomas, de modo a considerar uma aliança colaborativa tanto para a adesão ao processo de psicoterapia quanto aos possíveis resultados esperados. Conseqüentemente, foi percebido os desafios para que os pais e/ou responsáveis se envolvessem nestas entrevistas clínicas e acompanhamento da psicoterapia dos filhos.

O problema prioritário identificado para o desenvolvimento deste Projeto de Intervenção é que os próprios pacientes demonstram desejo pela psicoterapia e de fato apresentam demandas, vulnerabilidades sociais e psíquicas. Contudo, a partir da observação nos atendimentos, falta a colaboração familiar. Assim sendo, é importante promover a sensibilização dos pais e/ou responsáveis a respeito do seu envolvimento na psicoterapia dos filhos. A partir disso, algumas concepções teóricas poderão nortear a psicoterapia de crianças e/ou adolescentes, identificar a importância da parceria com a família e a orientação de pais e/ou responsáveis neste processo.

1.2 Apresentação da Instituição onde será executado o Projeto

No Aglomerado Cabana, localizado em Belo Horizonte - MG, um grupo de pessoas da comunidade, sensíveis à situação das crianças e adolescentes da favela, começou a se articular para a criação de um espaço que acolhesse esse público em período para além da escola formal, oferecendo-lhes diversas atividades socioeducativas. Por meio da reivindicação da comunidade local, surge então, em dezembro de 1988 o Oratório Festivo, atualmente conhecido como (CJDB) Centro Juvenil Dom Bosco que tem como missão proporcionar as crianças e adolescentes em situação de risco social e pessoal a formação integral e humana. O CJDB é uma das obras sociais da (ISBJ) Inspeção São João Bosco, associação sem fins lucrativos, de assistência social e beneficente, de caráter educativo e cultural, e administrada pelos Salesianos de Dom Bosco.

O público beneficiado é, em sua maioria, moradores do Aglomerado Cabana Pai Tomás. Ao longo dos 30 anos, o CJDB atua na promoção e defesa dos direitos infanto-

juvenis. Atualmente desenvolve o Programa Atendimento Educacional integrado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação atendendo 312 beneficiários, de 06 a 14 anos, ofertando ações socioeducativas que favorecem a permanência dos mesmos na escola formal, fortalecimento do vínculo afetivo familiar, formação humana, formação cidadã e no protagonismo juvenil (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

As atividades socioeducativas oferecidas em contra turno escolar contemplam: segurança alimentar, apoio pedagógico, atividades esportivas, recreativas, artísticas, culturais, de lazer, de reforço escolar e atendimentos psicológicos.

Segundo Monteiro (2004), a moradia em áreas de favela é um fator de risco importante devido as condições de vida desfavoráveis de seus habitantes frequentemente associada com uma renda familiar baixa. Dessa forma, algumas situações de riscos e vulnerabilidades são apresentadas pelo público beneficiado pelo CJDB e, a partir disso, surgiu a demanda de psicólogos para além de educadores e assistentes sociais, a fim de oferecer acolhimento aqueles que apresentam demandas psicológicas.

O atendimento psicológico no CJDB, conforme mencionado, é ofertado ao público e a partir disso, a quem dele necessita. Assim, a atuação do profissional acontece no modelo clínico. O psicólogo atende dentro do CJDB em um espaço reservado a psicologia, não possui vínculos empregatícios com a organização por se tratar de trabalho voluntário, pautado e confirmado entre as partes por meio de um contrato de trabalho por tempo determinado. O CJDB possui uma lista de espera para os atendimentos psicológicos e as demandas surgem de forma espontânea. Fato este que acontece raramente já que na maioria dos casos os adultos é que percebem algum problema, ou por interesse da família, do CJDB ou por encaminhamentos da rede, isto é, conselho tutelar, escola ou saúde.

As sessões ou atendimentos psicológicos são realizados conforme prioridades. Acontecem uma vez por semana com cada paciente, num tempo relativo, mas geralmente em torno de 50 min. As sessões são realizadas com a criança ou adolescente durante sua inclusão em algum programa da organização. Por serem atendimentos realizados a este público, o responsável é convocado para colaborar e se envolver no processo de psicoterapia dos filhos, para que o profissional possa escutar a história daquele paciente, família, para orientação familiar e assim, estes encontros são marcados a partir da disponibilidade daquela família.

Vale ressaltar que o conceito de família se modificou ao longo do tempo. Alguns padrões familiares que são impostos, alteraram-se conforme realidades e contextos. Atualmente, usa-se os responsáveis porque em alguns contextos os responsáveis pela criança

ou adolescente não necessariamente são os pais biológicos, podendo assim ser avó, avô, padrasto, madrasta, tia ou tio, entre outros. O responsável pela criança ou adolescente é aquele que o ocupa o lugar de prover os cuidados, oferecer estrutura e condições conforme necessidades para um desenvolvimento integral daquele sujeito até o seu crescimento.

A partir desta experiência como psicóloga voluntária no CJDB, pude acolher demandas diversas para o atendimento psicológico. A procura era atravessada por inúmeras causas e os casos eram repassados conforme organização do CJDB. A informação repassada é que os responsáveis poderiam autorizar ou não os atendimentos psicológicos da criança ou adolescente conforme contrato apresentado no início dos semestres de cada ano. Este contrato apresenta a estância/permanência do educando no CJDB contra turno escolar e as atividades ofertadas, além disso, a possibilidade do atendimento psicológico.

Ao iniciar os atendimentos psicológicos com as crianças ou adolescentes os responsáveis eram convidados para entrevistas clínicas e assim a possibilidade de trocas que pudessem auxiliar no tratamento. No entanto, observou-se, que quando iniciado os atendimentos a família era informada e sensibilizada pelo serviço social do CJDB sobre a importância de sua participação e acompanhamento. Porém, foi observado, que algumas famílias não estavam dispostas a colaborar, construir parceria com o psicólogo, outras não possuíam disponibilidades e outras desinteressadas. Todas essas situações dificultavam o andamento da psicoterapia, pois faltavam informações, escuta do ponto de vista familiar, parceria e vínculo.

Oliveira e Gastaud (2018) citam que há uma importante relevância quando os pais acompanham a psicoterapia dos filhos. Este acompanhamento tem o objetivo de guiar a família à reflexão e compreensão sobre a criança, já que também fazem parte da dinâmica familiar e conseqüentemente do desenvolvimento do sintoma da criança, mesmo que demonstrem resistência a aceitar e se envolver no trabalho psicoterápico.

Dessa forma, diante do exposto e da experiência vivida, destaco a possibilidade de elaborar um Projeto de Intervenção para trabalhar ações educativas com as famílias dos educandos nessa organização de Belo Horizonte, visando assim sensibilizá-los a ocuparem seus lugares como pais e/ou responsáveis na Psicoterapia dos filhos.

2. JUSTIFICATIVA

Em relação a psicoterapia infantil, Oliveira, Gastaud e Ramires (2018), destacam que desde os trabalhos iniciais de Freud na clínica, as demandas infantis já existiam, seja por encaminhamentos ou demandas espontâneas.

Na organização sugerida para o desenvolvimento deste projeto de intervenção é notado que existem queixas das famílias, dos educadores que trabalham com este público, da rede, isto é, conselho tutelar, escola ou saúde, ou demandas voluntárias no qual o próprio sujeito identifica alguma questão psicológica para ser tratada. Dessa forma, é percebido que há demandas para a psicoterapia com queixas variadas advindas por diferentes sujeitos, que estão em situação de riscos e/ou vulnerabilidades sociais.

Quando se trata de psicoterapia infanto-juvenil, os pais e/ou responsáveis são atores fundamentais neste processo. Já dizia Aberastury (1996) conforme citado por Oliveira, Gastaud e Ramires (2018), da importância de os pais levarem o filho ao tratamento para assumirem um papel desde o primeiro encontro, além de traçarem alianças colaborativas com o psicólogo para compreenderem que o tratamento é com o filho, e por fim, para receberem orientações e aceitar o tratamento do filho.

Porém, nesta organização, conforme descrito, os educandos são atendidos no momento em que estão na organização realizando outras atividades contra turno escolar, ou seja, ele é encaminhado e o psicólogo o atende conforme agenda. Assim, os pais e/ou responsáveis não os levam ao atendimento inicial e nem os levam aos demais atendimentos, estes são convocados esporadicamente conforme disponibilidades.

Oliveira, Gastaud e Ramires (2018), reforçam que o acompanhamento dos pais e/ou responsáveis tem o objetivo de facilitar a compreensão entre os membros da família. Além disso, a escuta dos pais e/ou responsáveis contribuem para que estes possam entender os sintomas da criança. De acordo com estes autores, os pais e/ou responsáveis, a partir das entrevistas clínicas com o psicólogo, tem a possibilidade de entender durante o processo psicoterapêutico dos filhos o que possivelmente tem contribuído para os sintomas destes, e ainda, com base na aliança colaborativa traçada com o profissional é possível trabalhar em conjunto as possibilidades para atravessar os desafios.

Diante disso, justifica-se a realização deste projeto de intervenção que busca integrar o tratamento dos educandos desta organização ao apoio dos pais e/ou responsáveis a fim de

contribuir para um bom andamento do tratamento psicológico da criança e/ou adolescente sem interferir no sigilo fomentado com o paciente no momento inicial da psicoterapia.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

Promover a integração da família ao processo psicoterapêutico de suas crianças ou adolescentes que são atendidos em uma organização da sociedade civil de Belo Horizonte.

3.2 Objetivos específicos

Criar um contexto de diálogo sobre Psicoterapia, potencializando a participação por meio de rodas de conversa;

Possibilitar a reflexão sobre a importância do apoio ao educando/paciente neste processo psicoterapêutico;

Apresentar a importância do vínculo ou parceria entre psicólogo e família, sempre relacionando o contexto de vida dos participantes.

4. PÚBLICO ALVO

Este projeto de intervenção propõe-se, a partir da metodologia participativa e da técnica de rodas de conversa, atingir os pais e/ou responsáveis como público-alvo, dos pacientes/educandos que estão em processo de psicoterapia na organização citada.

A partir da experiência vivenciada, foi observado que as características do público-alvo em sua maioria são: mulheres (mães, avós, madrastas ou irmãs), com idades variadas entre 20 a 50 anos, a maioria apresenta baixa escolaridade, situação econômica precária e algumas famílias, não possuem apoio ou presença do genitor.

5. METAS

Com a aplicação da metodologia participativa e técnica de rodas de conversa, busca-se atingir pelo menos 90% dos pais e/ou responsáveis dos pacientes/educandos em processo de psicoterapia nesta organização. Pensando que, a partir do momento da oferta da ação educativa, os pais e/ou responsáveis possam se conscientizar da necessidade da psicoterapia para os filhos.

Em seguida, o apoio familiar e a resposta da criança e/ou adolescente em psicoterapia serão observados e posteriormente, realizada a avaliação do resultado dessa parceria entre família e psicólogo.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

6.1 Educação em Saúde

Conforme o Ministério da Educação - (UAB/SEED) Sistema Universidade Aberta do Brasil / Secretaria de Estado da Educação a Distância (2017), educação em saúde é um assunto comum no cotidiano dos profissionais da saúde. Educação em saúde é uma prática social educativa que inclui diversas e diferentes concepções do campo da educação e do campo da saúde, considerando a visão de mundo, de homem ou de si e da sociedade.

Segundo Silva *et al.* (2010), a relação entre educação, saúde e suas práticas envolve dimensões complexas e estruturais que necessitam de análises para sua compreensão. Por isso, ao propor ações educativas, deve-se considerar o contexto social no qual o sujeito está inserido, identificar seu nível de conhecimento e apresentar possibilidades de compreensão sobre determinados assuntos. A partir do momento que se dispõe de práticas educativas a fim de transformar realidades e modificar comportamentos em benefício de si, do outro ou de grupos se configura educação como prática social e humana.

Neste sentido, a proposta deste projeto de intervenção com o intuito de dispor ações educativas as famílias, pode oferecer proveitos a todos os envolvidos e transformar realidades. Assim, destaca-se a importância em compreender a psicoterapia de crianças e adolescentes.

6.2 A Psicoterapia Infantil e a Importância da Família

A psicoterapia infantil tem o objetivo de tratar mesmo que de forma antecipada os sintomas que poderão surgir na vida adulta ou que se espera que surjam. De acordo com Carvalho, Fiorini e Ramires (2015), a psicoterapia para o público infanto-juvenil é um tratamento para auxiliar nas dificuldades emocionais, sociais e/ou comportamentais dessa população, que podem interferir no seu dia-a-dia, podem dificultar o desenvolvimento das habilidades adaptativas e/ou ameaçam o seu bem-estar e dos outros à sua volta.

Sei, Souza e Arruda (2008), descrevem que a psicoterapia infantil é um trabalho preventivo que proporciona a construção de bases mais sólidas para a integração mental e em certa medida, previne complicações ou perturbações psíquicas que poderão surgir.

As demandas psicológicas do público infanto-juvenil raramente são voluntárias ou espontâneas. As crianças ou adolescentes são levados como sintomas ambulantes às clínicas pelos pais e/ou responsáveis que acreditam que o filho tenha algum problema do qual eles não sabem como lidar. Barbosa *et al.* (2012), destacam que a demanda não chega pronta, ela é construída ao longo das sessões. No caso dessa população a demanda é apresentada na sua participação, envolvimento e responsabilização na psicoterapia mesmo que de forma lúdica. O profissional não deve se apegar à queixa inicial dos encaminhamentos ou da família, pois desta forma seria empecilho para explorar questões mais amplas. Assim, ainda de acordo com Barbosa *et al.* (2012), os problemas individuais são frutos da história de vida e das relações familiares. Para tanto, não há motivo para a separação da criança de sua família, nem para a exclusão desta no processo de psicoterapia.

Sei, Souza e Arruda (2008), argumentam que as disfunções familiares podem acarretar sintomas nos seus integrantes incluindo as crianças e/ou adolescentes. Dessa forma, observa-se que a família é fundamental para promover saúde entre seus membros, porém, pode gerar também perturbações. Conforme Arzeno (1995) *apud* Sei, Souza e Arruda (2008), o sintoma dos filhos é, geralmente, o que emerge de um sistema intrapsíquico que, por sua vez, está inserido em um esquema familiar doente. Importante ressaltar a não culpabilização dos pais e/ou responsáveis nos sintomas que podem emergir nos filhos, mas marcar a importância do envolvimento destes no tratamento dos filhos, além disso, cooperar para deslocar sintomas ou reduzir danos.

Winnicott citado por Dias (2017), expõe que a família é a sequência do colo materno, é o círculo no qual surge o amadurecimento, é a retaguarda que dispõe de confiabilidade, proteção, sustento à medida que o amadurecimento prossegue em novas e mais complexas exigências, é o lugar que prepara o sujeito para a moralidade, relações interpessoais e outras situações inerentes à socialização.

Assim, observa-se que a família tem um lugar essencial e significativo na vida do sujeito. Além de oferecer pertencimento é o círculo que apresenta a oportunidade para o início da vida social e da realidade. Dessa forma, o atendimento psicológico solicita parceria ou aliança com a família devido ao seu papel e importância na vida do sujeito.

O que se busca com os pais é o que se procura alcançar também com os filhos em processo de psicoterapia, ou seja, a ressignificação dos problemas ou queixas, acolhimento e construção de novas possibilidades e alternativas (BARBOSA *et al.*, 2012).

6.3 O que se espera da família?

Arfouilloux (1980), cita que Anna Freud autora que estudou profundamente o tratamento psicanalítico de crianças, defende a ideia de que quando se tem o propósito de receber uma criança em psicoterapia há necessidade de o tratamento ser uma ação junto aos pais e/ou responsáveis. Ainda de acordo com Arfouilloux (1980), espera-se que os pais e/ou responsáveis estejam presentes na vida dos filhos, na vida cotidiana e não somente em suas fantasias. Eles são, portanto, os porta-vozes da criança ou adolescente em psicoterapia.

Kernberg *et al.* (2012), propõem, ainda, o desenvolvimento de uma *aliança colaborativa com os pais*, que é uma importante fonte de informações sobre a vida da criança, tanto no momento presente como fornecendo, historicamente, um contexto para que o terapeuta compreenda as sessões com seu paciente. Tal aliança implica que o terapeuta deve se esforçar para manter a neutralidade, não se posicionando do lado dos pais contra a criança ou com a criança contra os pais. O terapeuta precisa ser confiável, conhecer a cultura dos pais e as tradições familiares. Seu estilo pessoal e seus valores devem ser respeitosamente levados em consideração no processo de psicoterapia psicanalítica de crianças (OLIVEIRA, GASTAUD E RAMIRES, 2018, p.38).

Conforme destacado, a aliança colaborativa traçada com os pais e/ou responsáveis deve proporcionar a psicoterapia dos filhos um andamento positivo e possíveis resultados esperados. O terapeuta, como visto, deve ocupar um lugar de neutralidade beneficiando o tratamento com um todo e repassando informações e recomendações aos pais e/ou responsáveis necessárias de forma que não exponha o paciente e nem rompa com o sigilo estabelecido.

Diante do exposto foi possível perceber que o acolhimento, escuta e aliança colaborativa construída com a família dos pacientes permite tratar os quesitos familiares envolvidos nos sintomas apresentados pelas crianças e adolescentes e ainda, ceder auxílio aos pais e/ou responsáveis quando os sintomas se ampliam, prosseguem ou voltam. Além disso, a escuta dos pais pode ser um importante facilitador para o desenvolvimento do processo psicoterápico das crianças e/ou adolescentes (OLIVEIRA, GASTAUD e RAMIRES, 2018).

7. METODOLOGIA

Para elaboração da proposta de intervenção e melhorar o apoio da família ao educando/paciente em psicoterapia em uma organização da sociedade civil de Belo Horizonte, a metodologia utilizada será a participativa que consiste em possibilitar participação do público envolvido. Segundo Streck (2016), a metodologia participativa permite aos sujeitos da pesquisa serem considerados coprodutores de conhecimento.

A partir da identificação dos desafios na colaboração dos pais e/ou responsáveis na psicoterapia de crianças e adolescentes nesta organização e da revisão de literatura será proposto um projeto de intervenção, executado pela metodologia participativa na qual envolve de forma ativa os sujeitos do território.

Para isso, a técnica utilizada será roda de conversa com o objetivo de conceituar a psicoterapia, a proposta, explicar os objetivos e marcar a importância da aliança colaborativa entre psicólogos e família no tratamento psicoterapêutico dos filhos. Em relação as rodas de conversa [...] “é preciso saber que estas constituem uma metodologia participativa que pode ser utilizada em diversos contextos” (AFONSO e ABADE, 2008, p. 21). Ainda de acordo com Afonso e Abade (2008), para executar uma roda de conversa é preciso organizá-la e planejá-la, para isso, conforme destacado pelas autoras, foi desenvolvido a Folha de Trabalho (Apêndice A) com as etapas, instrumentos, objetivos e tempo esperado para a execução da roda de conversa proposta.

Este projeto de intervenção se iniciará a partir da visita à organização e apresentação da proposta no mês de janeiro em 2020. A ação acontecerá em fevereiro do mesmo ano e o acompanhamento se estenderá até junho. Inicialmente está previsto um encontro de 2 (duas) horas. A roda de conversa será coordenada pela autora deste projeto de intervenção contando com o apoio da gerente socioeducativo pastoral e da assistente social da organização. As atividades se desenvolverão conforme cronograma apresentado abaixo.

O público-alvo são os pais e/ou responsáveis pelos educandos/pacientes desta organização a fim de sensibilizá-los a cooperarem com o tratamento psicoterapêutico dos filhos que já estão sendo atendidos.

O plano de intervenção irá contemplar o objetivo geral, promovendo a integração da família ao processo psicoterapêutico de seus filhos, por meio de ações educativas.

Para contemplar os objetivos serão adotadas algumas estratégias como: criar um contexto de diálogo sobre psicoterapia, potencializando a participação por meio de rodas de conversa; possibilitar a reflexão sobre a importância do apoio ao educando/paciente neste processo psicoterapêutico e apresentar a importância do vínculo ou parceria entre psicólogo e família, sempre relacionando o contexto de vida dos participantes.

O quadro 1 dispõe o cronograma da ação educativa proposta para os pais e/ou responsáveis, para alcance do objetivo geral deste projeto.

Quadro 1 - Cronograma de Ação Educativa para os pais e/ou responsáveis.

Objetivo Geral	Promover a integração da família ao processo psicoterapêutico de suas crianças ou adolescentes que são atendidos em uma organização da sociedade civil de Belo Horizonte.						
Objetivos Específicos	Ações	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
Criar um contexto de diálogo sobre Psicoterapia, potencializando a participação;	Roda de Conversa		x				
Possibilitar a reflexão sobre a importância do apoio ao educando/paciente no processo psicoterapêutico;	Roda de Conversa		x	x	x	x	x
Apresentar a importância do vínculo ou parceria entre psicólogo e família, sempre relacionando o contexto de vida dos participantes.	Roda de Conversa		x				

8. ORÇAMENTO

Para o desenvolvimento deste projeto de intervenção serão necessários alguns gastos com materiais e outros itens. Não haverá gastos com setor de pessoal e espaço, já que a ação educativa será desenvolvida pela autora deste projeto e pelas colaboradoras da organização no próprio local. A organização possui um pátio coberto para acomodar os participantes, dispõe de cadeiras para todos e mesas para as atividades propostas e lanches. Haverá oferta de lanches por ser um atrativo a incentivar a participação do público.

O quadro 2 demonstra os gastos provenientes para a execução deste projeto sendo de responsabilidade da autora.

Quadro 2 - Demonstrativo de gastos previstos para desenvolvimento do projeto de intervenção.

Materiais de consumo	Quantidade	Valores Unitários	Orçamento
Lanches oferecidos pós roda de conversa. (Bolos, biscoitos, rosquinhas, suco, achocolatado, copos descartáveis de 200 ml e guardanapos).	5 bolos	7,00 cada	35,00
	2 pacotes de biscoitos	4,00 cada	8,00
	2 pacotes de rosquinhas		
	4 caixas de suco	5,00 cada	10,00
	3 caixas de achocolatado	4,00 cada	12,00
	1 pacote de copo descartável	7,00 cada	21,00
	1 pacote de guardanapo	6,00	6,00
		2,00	2,00
Papel ofício.	1 pacote de 100 folhas	6,00	6,00
Lápis de escrever, borrachas e lápis de cor.	1 caixa de lápis de escrever (144 unidades)	36,00	36,00
	1 caixa de borracha (60 unidades)	12,00	12,00
	4 caixas de lápis de cor com 12 lápis	7,00 cada caixa	28,00
Cartolinas.	4 cartolinas	1,00 cada	4,00
Canetões.	4 unidades	6,00 cada	24,00
Cópias ou xerox (casos clínicos).	5 cópias ou xerox	0,25 cada	1,25
Total:			R\$ 205,25

9. RECURSOS HUMANOS

Por ser uma ação educativa na organização, a execução e desenvolvimento da roda de conversa deverá ser uma proposta em conjunto, e assim, se torna fundamental incluir além da autora deste projeto de intervenção, a Gerente Socioeducativo Pastoral da organização, na qual tem formação em Psicologia, e a Assistente Social.

A autora deste projeto de intervenção deverá ocupar o lugar de coordenação da roda de conversa e referência em relação ao conteúdo disposto para o desenvolvimento da roda de conversa, a gerente socioeducativo pastoral deverá ser apoio na execução da roda de conversa, e por fim, a assistente social deverá auxiliar no convite as famílias para a participação da ação educativa, já que esta mantém um relacionamento próximo das famílias, além de ser também apoio ao decorrer da execução da roda de conversa.

10. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA PROPOSTA

O processo de acompanhamento e avaliação da proposta acontecerá de acordo com os objetivos propostos.

Durante a execução da roda de conversa haverá o acompanhamento dos participantes em relação a compreensão das propostas de atividades na roda de conversa, além de observar a participação e envolvimento de todos. Em casos de dúvidas, questionamentos e dificuldades em relação as atividades, estes serão acolhidos e auxiliados. Além disso, todo conteúdo deverá ser em linguagem acessível a todo público.

Espera-se que o resultado desta intervenção possa repercutir na colaboração das famílias ao tratamento psicológico dos filhos quando refletirem sobre a importância da aliança entre família, paciente e psicólogo. Dessa forma, as avaliações poderão ser mensuradas meses após a execução das rodas de conversa e as respostas poderão oscilar nos atendimentos considerando a subjetividade e singularidade de cada paciente.

Posteriormente, os pais e/ou responsáveis serão convocados incessantemente para entrevistas clínicas e *feedbacks*, já que este é o objetivo geral deste projeto de intervenção.

11. CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

O quadro abaixo sugere as atividades para o desenvolvimento e execução deste projeto de intervenção.

Quadro 3 - Cronograma de atividades propostas para desenvolver o projeto de intervenção - período: janeiro de 2020 a junho de 2020.

Atividades	Jan	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
Visita a Organização	x					
Apresentação do Projeto de Intervenção	x					
Convite aos pais e/ou responsáveis para a participação na roda de conversa		x				
Início da Intervenção		x				
Roda de Conversa		x				
Acompanhamento e Avaliação da Proposta	x	x	x	x	x	x

Além do cronograma das atividades que serão desenvolvidas, é importante a construção do planejamento e organização da técnica utilizada e seus objetivos. Para isso, de acordo com Afonso e Abade (2008), a Folha de Trabalho é um instrumento que se inicia por um cabeçalho, que serve para identificar a roda, quem coordena, data, horário e local e, mais importante, com quem será feita e que tema será abordado. Também destaca os conteúdos abordados e é dividida em 3 (três) momentos: preparação, trabalho e avaliação. A folha de trabalho desta roda de conversa como técnica utilizada para este projeto de intervenção, se encontra no (Apêndice A) deste manuscrito.

12. RESULTADOS ESPERADOS

A psicoterapia para o público infanto-juvenil requer o envolvimento da família diferentemente da psicoterapia de adultos. Este envolvimento dos pais e/ou responsáveis é fundamental para a adesão e permanência do paciente no tratamento psicológico, além de ser significativo para um bom andamento.

Conforme visto, os pais e/ou responsáveis são os porta-vozes da criança e/ou adolescente e oferecem informações essenciais que subsidiam a escuta dos sintomas do paciente. A parceria ou aliança colaborativa construída entre psicólogo, pais e/ou responsáveis fornece uma direção tanto para a psicoterapia, quanto a conduta que estes poderão adotar no contexto familiar.

Além disso, a escuta e acolhimento da família tem o objetivo de tratar a angústia apresentada pelos membros, administrar preocupações e contribuir para o desenvolvimento de novas habilidades e estratégias.

Com isso, percebe-se que as ações educativas propostas para realização com as famílias, possuem sentidos favoráveis ao paciente, família, organização, profissional e rede. Espera-se ainda que os objetivos propostos sejam alcançados e que os pais e/ou responsáveis possam, de acordo com suas possibilidades, se integrar, se sensibilizar e acompanhar o tratamento psicoterapêutico dos seus filhos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. M.; ABADE, F. **Para reinventar as Rodas**. Rede de cidadania Mateus Afonso de Medeiros (RECIMAM). Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lapip/PARA_REINVENTAR_AS_RODAS.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

ARFOUILLOUX, J. C. **A entrevista com a criança - A abordagem da criança através do diálogo, do brinquedo e do desenho**. Segunda edição. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1980.

BARBOSA, P. G.; MACHADO, L. P.; COSTA, A. L.; SILVA, C. H.; PERON, S. I. A clínica com crianças sobre o olhar da psicoterapia sistêmica - The clinic with children on the systemic psychotherapy viewer. **Arquivo Brasileiro de Odontologia**, Minas Gerais, v. 8, n. 2, p. 38-49, 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquivobrasileiroodontologia/article/view/5741> Acesso em: 29 nov. 2019.

CARVALHO, C.; FIORINI, G. P.; RAMIRES, V. R. R. Aliança terapêutica na psicoterapia de crianças: uma revisão sistemática. Artigo de Revisão. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. **Revista Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 503-512, out./dez. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psico/v46n4/11.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

DIAS, E. O. Família e amadurecimento: do colo à democracia - Family and maturity: from the lap to the democracy. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 144-162, jul./dez. 2017. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v19n2/v19n2a09.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Sistema Universidade Aberta do Brasil/Secretaria de Educação a Distância (UAB/SEED). Educação e Saúde: sociedade e cultura. **Curso de Especialização em Formação de Educadores em Saúde (CEFES)**. Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, L. R. F.; GASTAUD, M. B., RAMIRES, V. R. R. Participação dos pais na psicoterapia da criança: Práticas dos psicoterapeutas. **Rev. Psicologia: Ciência e Profissão**, Rio Grande do Sul, v. 38, n. 1, p. 36-49, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v38n1/1414-9893-pcp-38-01-0036.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SAADALLAH, M. M.; OLIVEIRA, C. N.; DUTRA, M. F. S.; MOREIRA, N. J.; COELHO, U. S. P.; LEGORINO, A. K. A.; RIBEIRO, R. R.; PAIXÃO, T. L. **Relatório Socioassistencial Programa Acessuas Trabalho**. 89f. 2019. Relatório anual de atividades. Inspeoria São João Bosco - Centro Juvenil Dom Bosco, Belo Horizonte, 2019.

SEI, M. B.; SOUZA, C. G. P; ARRUDA, S. L. O sintoma da criança e a dinâmica familiar: orientação de pais na psicoterapia infantil. **Revista do NESME**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 101-219, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v5n2/v5n2a09.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SILVA, C. M. C; MENEGHIM, M. C.; PEREIRA, A. C.; MIALHE, F. L. Educação em saúde: uma reflexão histórica de suas práticas. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 15, n.5, p. 2539-2550, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n5/v15n5a28.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

STRECK, D. R. Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade. **Rev. Interface, Comunicação, Saúde e Educação**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Rio Grande do Sul, 20(58), p. 537-547, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v20n58/1807-5762-icse-1807-576220150443.pdf>>. Acesso em 02 dez. 2019.

TRABALHAR	<p>Apresentação de casos clínicos de atendimento psicológico de crianças e adolescentes evidenciando o envolvimento dos pais e/ou responsáveis (eleger alguns participantes para ler ou oferecer-lhes para leiam de forma espontânea). Conversar: Gostaram dos casos clínicos? Por quê? Subdividir o grupo em 4 com 5 participantes cada e entregar-lhes casos clínicos estagnados e/ou malsucedidos devido à falta de vínculo e/ou apoio entre Psicólogo e família. Sugerir-lhes discussão entre grupo para identificar possíveis formas de melhorar o apoio familiar a criança e/ou adolescente em processo de psicoterapia. Distribuir materiais e discutir.</p>	<p>30'</p> <p>30'</p>	<p>Sensibilizar de maneira lúdica para a questão do apoio familiar ao educando/paciente em processo psicoterapêutico.</p> <p>Interação. Buscar conhecer a opinião dos participantes sobre a Psicoterapia. Facilitar a expressão dessas opiniões e escuta dos desafios para eles enquanto família.</p> <p>Informar. Refletir. Sistematizar.</p>	<p>Problematizar a falta de apoio familiar ao educando/paciente em Psicoterapia. Promover a interação no grupo e a troca de ideias. Refletir. Informar sobre a Psicoterapia. Facilitar o reconhecimento do lugar de pais e/ou responsáveis na psicoterapia dos filhos e a importância deste lugar neste processo.</p>
AVALIAR	<p>Pedir a cada participante que diga uma palavra que expresse a sua opinião ou sentimento sobre a discussão acontecida na Roda de Conversa.</p>	<p>10'</p>	<p>Compartilhar impressões sobre o trabalho feito. Avaliar a Roda de Conversa, levantando aspectos positivos e negativos.</p>	<p>Sistematizar. Avaliar.</p>